

# A cura do corpo e a conversão da alma – conhecimento da natureza e conquista da América, séculos XVI e XVII

*Heloisa Meireles Gesteira*

Os descobrimentos do século XVI, que ensejaram a montagem de impérios ultramarinos e o estabelecimento de rotas mercantis, foram responsáveis pela acumulação e divulgação de informações sobre a fauna e a flora americanas, freqüentemente diversas daquelas do Velho Mundo. O processo de colonização e conquista da América permitiu a ampliação do conhecimento que os europeus tinham sobre os produtos da natureza, possibilitou a introdução de espécies em ambiente distinto do original e a adaptação dos europeus aos trópicos. Estes considerados um lugar inóspito, de acordo com a herança de saber da antigüidade clássica.

Este conhecimento tornou-se imprescindível para garantir a permanência das novas sociedades que se constituíram a partir do processo de colonização. Controlar as informações desde as condições de navegação até as características das diversas regiões, identificando suas peculiaridades físicas e climáticas, descobrindo novas espécies da flora e da fauna, observando as doenças endêmicas e os tratamentos realizados a partir dos produtos oferecidos pela natureza, foram práticas que possibilitaram o estabelecimento das novas sociedades no continente americano, desde o início de sua ocupação pelos portugueses e espanhóis, seguidos pelos franceses, ingleses e neerlandeses. Vale sublinhar que esse conhecimento era produzido por homens com formações diversas: cosmógrafos, teólogos, filósofos naturais, médicos, negociantes e missionários.

## Conhecimento da natureza e conquista da América

As práticas medicinais oferecem um campo rico para nossa análise, uma vez que o conhecimento médico caracterizava-se, entre outros aspectos, pela descoberta das virtudes terapêuticas dos produtos naturais, mes-

mo que em alguns momentos fossem evocados elementos sobrenaturais para restabelecer a saúde de um enfermo.<sup>1</sup> Cabe lembrar que evocar o auxílio sobrenatural e atribuir significados transcendentais tanto à cura quanto aos objetos naturais não diminui o esforço na construção de um conhecimento, ainda mais no período por nós estudado, quando, como afirmou Robert Lenoble

A magia forma uma concepção da “Natureza”, e esta Natureza tem as suas “leis” e o conhecimento dessas leis dá-nos uma ciência certa e eficaz, pelo menos no sentido de ninguém duvidar das suas bases e de multidões inteiras, doentes curados, possesores libertos, artesão dos metais e fabricantes de tintas “verificarem” todos os dias o seu valor.<sup>2</sup>

A “botânica médica” aparece como um campo de saber privilegiado para a nossa análise, pois esse conhecimento era desenvolvido de forma sistematizada e, no caso específico da América portuguesa, controlado, sobretudo, por agentes sociais interessados na edificação de uma sociedade no Novo Mundo, entre os quais destacam-se os missionários da Companhia de Jesus. Os Jesuítas, apesar dos limites impostos por alguns dogmas católicos, não deixaram de observar, produzir e incorporar novidades científicas, mesmo que influenciados pela tradição clássica e pela Bíblia. Os colégios jesuítas e algumas universidades controladas pela ordem tornaram-se centros importantes de produção e difusão do saber não apenas na Europa, mas por todos os pontos do globo onde os inicianos levaram sua missão.

O pensamento científico do século XVII considerava a maneira pela qual Deus se apresentava no mundo natural um problema epistemológico, pois os objetos da natureza escondiam em sua essência os mistérios do Criador. Os sábios buscavam intensamente a identificação da atuação divina no Universo, visando compreender a ação de Deus tanto no mundo natural como na história. Identificar o alcance da atuação da Providência era também apontar os limites da ação humana no curso dos fenômenos. Em livro dedicado ao desenvolvimento desta problemática, Amos Funkenstein sugere alguns pontos essenciais para definir o que chama de uma *teologia secular*, assinalando as afinidades entre problemas científicos e religiosos durante o período.<sup>3</sup>

O início dos tempos modernos foi marcado por uma transformação importante em relação à cultura erudita da Idade Média, momento no qual decifrar os textos era o meio mais seguro para se chegar a Verdade. Cada vez mais, a experiência do olhar e a observação dos fenômenos tornavam-se etapas importantes para a aquisição de conhecimento. Nesse sentido as grandes viagens oceânicas contribuíram significativamente para ampliar os horizontes culturais. O contato com o Novo Mundo possibilitou o confronto entre o saber tradicional e as novidades que vinham sendo observadas pelos viajantes ou pelos homens que, mesmo sem sair da Europa, podiam obter informações, as quais os antigos não tiveram acesso. Os registros produzidos pelos homens que entraram em contato com o Novo Mundo – direta ou indiretamente – contribuíram para fortalecer o movimento renascentista de crítica ao saber herdado da antiguidade, mesmo que este ainda fosse um referencial importante e exemplar.

Vistos em conjunto, percebemos esses movimentos de observação, coleta e sistematização do conhecimento sobre a natureza como um fenômeno ligado ao que Luis Filipe Barreto classificou como a “cultura dos descobrimentos”, que se caracterizava por uma série de procedimentos práticos e teóricos diante das novidades. Uma das vertentes científicas que o autor analisou foi a medicina. Segundo Barreto “a medicina renascentista portuguesa é um dos mais ricos espaços da lógica cultural nacional, um dos mais profícuos e profundos domínios de afirmação da atividade espiritual e criativa dos portugueses do século XVI.”<sup>4</sup> As notícias e novidades sobre as terras distantes e desconhecidas eram controladas pelos agentes colonizadores e, quando consideradas estratégicas, eram mantidas sob sigilo, permitindo que o Estado controlasse um enorme “banco de dados”.<sup>5</sup>

O complexo e múltiplo jogo de interesses e valores que envolveu a expansão portuguesa expresso através das alianças e conflitos dos grupos sociais envolvidos – homens de negócios, missionários, nobres e os próprios agentes da Coroa – aliado ao fato de que o Estado português à época encontrava-se ainda em processo de centralização, dificultava um controle “absoluto” por parte do poder central sobre a produção de conhecimento e troca de informações realizada no âmbito do Império luso. Pelo contrário, pode-se verificar uma certa dispersão no processo de acumulação de conhecimento, em particular ao relacionado à Natureza. Essa dispersão,

porém, não deve ofuscar os esforços de alguns homens em sistematizar as informações, como atestam por exemplo os consagrados trabalhos de Pero Magalhães de Gandavo, “História da Província de Santa Cruz”, de Gabriel Soares de Souza, “Tratado Descritivo do Brasil” e os de Ambrósio Fernandes Brandão “Diálogo das Grandezas do Brasil”, para citar o mínimo.

No caso específico da experiência portuguesa, sabemos que as viagens propriamente científicas fomentadas pelo Estado intensificaram-se apenas a partir de meados do século XVIII, quando partiram expedições de Lisboa em direção aos pontos mais remotos do Império, resultando na produção de um conhecimento minucioso sobre as potencialidades naturais e populacionais controladas por Portugal.<sup>6</sup> Ainda assim, não se pode menosprezar a atuação dos missionários da Companhia de Jesus e da própria Ordem Jesuíta na coleta e no controle de informações sobre a Natureza, em particular no campo de conhecimento que nos interessa: a botânica médica. Antes, porém, observemos o lugar de destaque que o serviço médico realizado pelos missionários jesuítas assumiu dentro dos interesses da Companhia de Jesus no mundo ultramarino.

## A cura e o projeto jesuítico na América

O controle do saber acerca da natureza refletia uma estratégia para a fixação da nova sociedade e manutenção da própria conquista. Desde 1549 – quando os primeiros missionários jesuítas desembarcaram na cidade de Salvador ao lado de Tomé de Souza e guiados por Manuel da Nóbrega – os esforços físicos e intelectuais dos padres da Companhia, para edificarem sua obra, só foram interrompidos no momento de sua expulsão em meados do século XVIII.

Os jesuítas se estabeleceram rapidamente nos territórios conquistados pelos portugueses na África, na Ásia e na América. Nas principais *ciudades coloniais*<sup>7</sup> construíram Colégios, locais essenciais para a difusão da obra jesuítica. Em cada ponto importante da América portuguesa os jesuítas ergueram igrejas, capelas, colégios, casas, seminários, aldeias, fazendas, currais e engenhos, enfim, uma série de recintos que, articulados entre si, ofereciam uma base de sustentação e de propagação da missão evangelizadora: salvar o gentio convertendo-o ao catolicismo, assegurando, assim, a

expansão da fé. No entanto, os soldados de cristo não se descuidaram da tarefa de expandir o império, pois a aliança com a coroa portuguesa garantia, entre outras coisas, a presença da Companhia pelos quatro continentes.

Os Colégios situados em Salvador, Olinda e Rio de Janeiro – principais centros da conquista lusa na América desde o século XVI – representavam uma espécie de cidadela “letrada”,<sup>8</sup> onde os missionários da Companhia delineavam estratégias que buscavam a expansão da fé e do império, além de receberem as ordens vindas de seus superiores através de uma complexa rede epistolar. Dentre as várias funções dos Colégios, queremos focar o cuidado médico com a população circunvizinha, composta por portugueses, escravos da Guiné e índios, e o estabelecimento de um *locus* de produção de conhecimento. Vale lembrar que outros locais importantes para o projeto jesuítico, como as fazendas e aldeias, eram também dotados de hospitais e contavam com boticas providas de medicamentos.

O cuidado médico era visto como um dos serviços importantes que os jesuítas ofereciam à manutenção do império. No início do século XVII, quando o padre Fernão Guerreiro publicou em Évora sua obra divulgando as conquistas realizadas pela Companhia de Jesus por todo o império ultramarino português, assim assinalou a importância das missões jesuíticas no Brasil:

Porque não somente os curam nas almas como pastores (...), mas os padres os governam ainda no temporal e lhes dão ordem de como hão de negociar suas roças e lavouras e remédios de vida quando estão doentes, os padres são os seus médicos e enfermeiros, (...)<sup>9</sup>

Ainda confirmando o valor estratégico da cura, observemos o conteúdo de um traslado de alvará régio, de 1641, guardado no Livro de Tombo do Colégio de São Sebastião do Rio de Janeiro:

Eu El-Rey faço saber aos que este alvará virem que tendo consideração ao que me representou por parte de Paullo da Costa, religioso da Companhia de Jesus, procurador da Província do Brasil, e ao que constou em razão dos serviços que os religiosos da dita Companhia daquele Estado me tem feito (...) em tudo o que nele se tem oferecido (...), como nas ocasiões de guerra a que sempre assistiram com as pessoas, escravos e fazendas, acudindo com os índios de suas doutrinas assim aos trabalhos das fortificações (...) princi-

palmente todo o tempo que o inimigo teve ocupada a Bahia assistindo a tudo sem faltar nunca ao arraial, administrando os sacramentos, pregando, animando e ao serviço de Deus e meu, tomando a sua conta as enfermarias e acudindo aos doentes com os remédios espirituais e corporais. (...) <sup>10</sup>

Em troca desses serviços prestados, informa o alvará mais adiante que a Companhia recebia alguns privilégios tais como o direito de cobrança da redízima, a isenção de imposto na alfândega, a manutenção de propriedades fundiárias ainda sem uso e o recebimento de doações e esmolas para o sustento de sua obra. O importante para a nossa argumentação é a menção aos serviços médicos prestados pelos jesuítas, sobretudo os remédios corporais que eram oferecidos aos homens. Falando do Estado do Brasil em meados do século XVII, não parece irrelevante o reconhecimento *real* da importância dos medicamentos manipulados pelos jesuítas, pois a escassez de profissionais da saúde fora um problema concreto para aquela sociedade assolada por guerras freqüentes e com uma natureza repleta de elementos desconhecidos, entre eles os animais peçonhentos.

Os serviços médicos aparecem, portanto, como uma moeda de troca que permitia à Companhia de Jesus receber favores e privilégios do monarca em terras americanas. <sup>11</sup>

O papel de médico e de enfermeiro assumido pelos missionários poderia ser visto apenas como caridade. Entretanto, assume um contorno político importante quando lembramos a autoridade que os homens que curam exercem sobre os demais, desde os tempos mais remotos e em culturas diversas. Reiterando esse papel do missionário, há uma passagem que nos parece bastante eloqüente escrita pelas mãos de quem lidou diretamente com o gentio nas missões, o padre José de Anchieta:

Uma criança de quatro ou cinco anos de idade, assaltada de grave enfermidade, rogava muitas vezes em pranto à mãe que a trouxesse ao Templo, e a mesma criança, gemendo diante do altar, dizia na sua própria língua: “Ó Padre, cura-me!” Esta, interrogada por seu pai, se porventura queria que lhe chamassem aquele feiticeiro para lhe aplicar o remédio, chorando com grandes lamentos lançou-se por terra, dizendo que não com ele, mas com o auxílio de Deus lhe seria restituído o antigo vigor: o que o mesmo Senhor operou, pois, aplicado pelos nossos irmãos um certo remédio, recobrou a tão esperada saúde. <sup>12</sup>

O trecho de Anchieta deixa transparecer aspectos importantes. O primeiro é que a busca pelo socorro médico confunde-se com a busca pelo socorro espiritual. O par “espiritual” e “temporal” forma um dos tópicos centrais dos textos do missionário, que além dos sacramentos ministrou serviços médicos entre o gentio, como tantos outros padres que deram continuidade à missão jesuítica até o século XVIII. Entre as tarefas do Padre José de Anchieta, a cura das doenças que afligiam os nativos aparece logo em seguida à conversão. O auxílio médico transformou-se numa das estratégias para os missionários conquistarem a alma indígena, contribuindo assim na transformação destes homens em verdadeiros cristãos.

Cuidar dos índios enfermos curando-os das moléstias transformou-se, conforme análise de José Eisenberg num “dos instrumentos de conversão”. As dificuldades encontradas na tarefa de converter os índios fizeram com que os jesuítas buscassem novos métodos para auxiliar no trabalho da catequese. A cura de doenças como auxiliar na tarefa missionária surgiu na experiência cotidiana experimentada pelos padres no território americano. Segundo José Eisenberg, quando os jesuítas perceberam que

os índios conferiam autoridade religiosa ao curandeiro da tribo, (...) tentaram assumir esse papel, e, para competirem com a autoridade religiosa dos pajés, começaram a se dedicar ao atendimento médico dos índios e adaptar os rituais dos sacramentos cristãos aos usos locais.<sup>13</sup>

A preocupação em assumir a responsabilidade pela saúde do gentio seria uma novidade introduzida pelos primeiros inácianos que vieram, intensificando-se a partir da chegada de José de Anchieta, que se destacou pelos serviços médicos realizados em suas atividades. A arte de curar, na tradição Tupi, estava associada à capacidade daquele indivíduo se comunicar com os espíritos. Os missionários concluíram que para sua palavra atingir de fato o coração dos índios e, chegar ao fundo de sua alma, eles teriam que evidenciar o privilégio da comunicação com os espíritos, “e isso colocava os irmãos em direta competição com os pajés.”<sup>14</sup> Os missionários lutaram para retirar dos pajés o seu poder de cura, labutando para conquistar o corpo e a alma dos indígenas, mantendo-os vivos, de modo a garantir a expansão da fé e do império. Tal atitude colaborou para que os pajés fossem sempre associados à imagem do feiticeiro que agia em nome do de-

mônio, mesmo que estes realizassem práticas muito próximas àquelas implementadas em nome de Deus, como a administração de simplices e realização de sangrias, além dos recursos sobrenaturais, amuletos e rezas.

Pode-se perceber a resistência dos índios aos tratamentos impostos pelos missionários, principalmente a utilização de produtos compostos<sup>15</sup> – típicos da medicina experimental européia de então – como bem observou Simão de Vasconcelos:

Em suas curas ri-se esta gente de medicamentos compostos: só nos simples dos campos têm sua confiança: e estes lhes ensinou a natureza, e o uso, como a arte aos melhores médicos; cada qual é médico de si, e dos seus; e aplicam com grande destreza os remédios, assim interiores como exteriores, especialmente contra venenos.<sup>16</sup>

Os remédios compostos por várias substâncias naturais (vegetal, animal e mineral) eram estimados na terapêutica européia dos séculos XVI e XVII, e suas receitas valiosas, como atesta a famosa fórmula manipulada pelos jesuítas, a *Triagra Brasília*, que

hé um Antídoto ou Panacea composta, à imitação da Triagra de Roma e de Veneza, de várias plantas, raízes, ervas e drogas do Brasil, que a natureza dotou de tão excellentes virtudes, que cada huma por si só pode servir em lugar da Triagra da Europa; pois com algumas das raízes, de que compõe este Antídoto, se curão nos Brazis de qualquer peçonha e mordedura de animais venenosos, como também de outras várias enfermidades, só como mastigá-lhas.<sup>17</sup>

Os 27 produtos utilizados nesta receita eram quase todos originários ou cultivados na América, exceto as raízes de acoro, de aristoloquia redonda, de junça e de malvaíscio, vindas de Portugal, conforme indicado na composição. Vários produtos tais como as raízes de jaborandi, de pagimiroba e cipó de cobra eram encontrados na quinta do Colégio da Bahia. Quem anotou a receita teve o cuidado de informar o lugar onde os ingredientes poderiam ser adquiridos, nas quintas dos Colégios, residências e aldeias jesuíticas, nas regiões já conquistadas ou, simplesmente, no “sertão”. A *Triagra Brasília* foi uma das fórmulas que renderam dinheiro para o Colégio da Bahia.

Os jesuítas foram responsáveis pela circulação de espécies naturais e de práticas medicinais não apenas no âmbito da América portuguesa, mas

no interior do Império português. Além disso, trocavam experiências com seus confrades ligados a outras assistências da Companhia, como por exemplo entre os missionários das províncias jesuíticas da América espanhola, prática intensificada durante a União Ibérica. A troca dava-se em vários sentidos simultaneamente. Os padres farmacêuticos, aqueles que eram encarregados da manipulação de medicamentos nas boticas, procuravam utilizar produtos locais para composição de suas fórmulas, uma vez que a comunicação com a Europa era muitas vezes lenta e irregular. Para descobrir as qualidades de determinadas ervas, um dos procedimentos utilizados era observar o uso que os habitantes locais faziam delas. O que nos importa assinalar, é que, na América portuguesa, ao coletar os dados medicinais, os ungüentos, as ervas e as partes de animais utilizadas nas mezinhas, os jesuítas catalogaram os costumes indígenas e suas práticas terapêuticas.

O movimento de coleta e incorporação de terapêuticas locais por parte dos missionários jesuítas foi observado por Ana Maria Amaro estudando as fórmulas utilizadas na botica do Colégio de São Paulo, em Macau. A autora verificou uma grande influência da medicina chinesa no receituário dos inicianos que atuaram na região. Portanto, os padres da Companhia de Jesus foram agentes importantes da circularidade cultural, pois a constante troca de missivas contendo informações as mais diversas, gerou uma cosmopolitização das receitas e de práticas medicinais pelos quatro cantos do mundo, como veremos em alguns exemplos mais adiante.<sup>18</sup>

Um belo exemplo da ação jesuítica no que diz respeito à coleta e ao controle sobre o conhecimento ligado à medicina é o livro manuscrito, organizado em Roma por um jesuíta português, datado de 1776, cujo título é *Collecção de Várias Receitas e Segredos Particulares das Principais Boticas da Nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil. Compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários*. O livro forma um conjunto rico em informações sobre as potencialidades dos produtos da natureza nos vários pontos do globo por onde os inicianos edificaram sua obra, em particular no âmbito do império português.

Até o momento tratamos da cura como uma estratégia de catequese jesuítica. Cabe agora analisar algumas práticas que demonstram tanto a sistematização desse conhecimento, quanto as possíveis concepções médicas compartilhadas pelos jesuítas. O recolhimento das informações sobre

as virtudes das plantas e de algumas partes de animais para uso medicinal foi feito de maneira sistemática, o que levou os jesuítas a acumularem um saber importante para a manutenção da sociedade colonial. Por isso, as boticas situadas em todos os Colégios aparecem como um espaço privilegiado para a produção desse conhecimento, uma vez que ali as plantas eram transformadas em mezinhas e tisanas que seriam distribuídas, se o necessitado fosse pobre, ou vendidas se o enfermo fosse abastado.

## A conquista do mundo natural

(...) leva essas conservas para os enfermos, os ananases para dor de pedra, os quais posto não tenham tantas virtudes como os verdes todavia fazem proveito. Os Irmãos que lá houvesse desta enfermidade, deviam vir para cá, porque se achariam bem aqui, como se tem por experiência.<sup>19</sup>

Trechos com este podem ser encontrados frequentemente na correspondência dos missionários, mesmo em cartas que tratavam de outros assuntos. Paralelamente havia outro tipo de referência de forma sistematizada, evidenciando o propósito de acumular informações. A diferença entre as informações dispersas e o registro sistematizado é que particulariza aquilo que consideramos como “produto das viagens”.

Denominamos produto das viagens todo o material elaborado a partir das informações que chegavam ao continente europeu nos navios que regressavam do ultramar. Por suas características, os produtos das viagens aproximam-se dos relatos de viagens, estilo comum na Europa e que ganhou mais força com os descobrimentos; algumas características importantes, porém, os afastam. Diferente dos relatos, os produtos das viagens não apresentavam uma narrativa na primeira pessoa, nem se ocupavam em relatar uma aventura em terras estrangeiras. Ambos eram compostos por material proveniente da experiência das viagens e admitiam o recurso da compilação de dados, sempre que fosse necessário, sem nenhum comprometimento do resultado final.<sup>20</sup>

Escrito aproximadamente cinquenta anos depois da carta de Nóbrega, em epígrafe, o trecho de Fernão Cardim indica esse processo contínuo de acumulação de conhecimento controlado pelos jesuítas:

Nana – essa erva é muito comum, parece-se com a erva babosa, e assim tem as folhas, mas não tão grossas e todas em redondo estão cheia de uns bicos muito cruéis; no meio dessa erva nasce uma fruta como pinha, toda cheia de flores de várias cores muito formosas (...), a fruta é muito cheirosa, gostosa, e uma das boas do mundo, muito cheia de sumo e gostoso, e tem sabor de melão ainda que melhor e mais cheiroso, e boa para doentes de pedra, e para febres muito prejudicial. (...) também se fazem em conserva, e cruas desenjoam muito no mar, e pela manhã com vinho são medicinais.<sup>21</sup>

É oportuno registrar que o procedimento descritivo de Cardim era um padrão comum presente em textos científicos da época. A organização dos capítulos na obra de Cardim revela a preocupação em ordenar o conhecimento adquirido sobre o Novo Mundo. Particularmente no que se refere às plantas, está assim dividido: “Das árvores que dão fruto”, “Das árvores que servem para medicinas”, “Dos óleos que usam os Índios para se untarem”, “Das árvores que têm água”, “Das árvores que servem para madeira”, “Das ervas que dão fruto e se comem” e “Das ervas que servem para mezinhas”. Além dos dois capítulos que tratam das propriedades terapêuticas das espécies, o missionário – que serviu durante muito tempo e morreu na América portuguesa – não deixou de ressaltar o interesse terapêutico de cada uma delas.

A classificação dos produtos naturais era sempre feita levando em consideração o proveito dos diversos objetos para a vida humana. Esta hierarquia encontra justificativa filosófica no aristotelismo ainda bastante influente durante o século XVII. De acordo com a concepção organicista e hierárquica do universo, as plantas existiam em função dos animais, e estes, em função dos homens. A mesma perspectiva estava presente nas interpretações teológicas feitas a partir do livro do Gênesis, onde se aprende que Deus colocou no jardim do Éden os meios de que os homens necessitavam para sobreviver.<sup>22</sup>

As virtudes de cada produto da natureza americana elucidadas pelos observadores, sejam eles missionários ou naturalistas, expressa a atitude de “descobrir” o lugar de cada um desses objetos dentro de uma ordem universalista, hierárquica e antropocêntrica. A medicina do século XVII não rompera ainda com a tradição aristotélica, e classificar pela forma era identificar possíveis correspondências entre os objetos distribuídos por Deus

sobre a Terra. Essa perspectiva ajuda a entender uma cultura que produz descrições minuciosas das coisas e ao mesmo tempo aproxima objetos diferentes pelo critério morfológico e não estrutural.<sup>23</sup>

A sistematização desse conhecimento era também elaborada a partir de uma prática e de referenciais teóricos presentes na arte médica de então. Desde o Concílio de Trento os padres da Companhia de Jesus foram proibidos de adotar práticas que implicassem na violação do corpo humano e que colocassem a vida do indivíduo em risco. A flebotomia, por exemplo, gerou entre os padres casos de consciência. Entretanto, pelas condições da América portuguesa e tendo os missionários assumido o papel de médicos, os padres acabaram conseguindo permissão para realizar tal intervenção, porém, apenas nos casos mais urgentes.

A flebotomia (ou sangria) difundiu-se na América portuguesa em geral. Os padres e responsáveis pelo cuidado médico nos recintos pertencentes aos inicianos também recorreram freqüentemente à flebotomia. Entre os itens adquiridos para o Engenho Sergipe – pertencente aos jesuítas e situado na Bahia – ao lado de ervas e animais especificamente comprados para os “doentes” e de “utensílios para botica”, havia o pedido de uma “lanceta para sangrar”.<sup>24</sup> A Coleção das Receitas, supracitada, contém uma gravura detalhada do sistema venal do corpo humano acompanhada de legenda indicando os lugares precisos para a operação, reduzindo, desta forma, os riscos fatais.<sup>25</sup>

Há vários indícios de que a tradição hipocrática e galênica exerceu influência na medicina praticada pelos missionários da Companhia de Jesus. De acordo com esse referencial, a intervenção do médico dava-se através de uma terapêutica que visava restabelecer o equilíbrio entre a temperatura do corpo humano e do meio ambiente, expulsando os humores que eventualmente estivessem provocando a anomalia. Desta forma, purgas e sangrias eram procedimentos comuns. Vale lembrar que ao descrever as árvores úteis para a medicina, Anchieta elege apenas aquelas “que são purgantes”.<sup>26</sup>

Segundo a tradição hipocrática, um dos fatores que influenciariam os humores era a ação da temperatura, e, por conseguinte, a saúde – física e moral – seria mantida por um equilíbrio entre a temperatura ambiente (ar, água e lugar) e a temperatura do corpo humano. Daí a crença de que o

clima exercia uma influência direta no ser humano, inclusive agindo sobre o seu intelecto. As doenças, assim como os homens, variam de acordo com o clima e o lugar, conforme ensinou Hipócrates

O médico, instruído sobre a maior parte destas questões, todas se possível, (os ventos, as águas, a temperatura do sol, o solo e gênero de vida), ao chegar e uma cidade desconhecida, não ignorará nem as doenças locais, nem a natureza das doenças gerais, de tal modo que ele não hesitará quanto ao tratamento a prescrever, nem cometerá os erros nos quais incorreria aquele que não tivesse aprofundado anteriormente o estudo dessas questões essenciais.<sup>27</sup>

Para tratar de concepções médicas compartilhadas pelos missionários, um livro manuscrito guardado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, recém localizado, é de grande valor para nosso trabalho: *Curiosidad un libro de medicina escrito por los jesuítas en las misiones del Paraguay, 1580*.<sup>28</sup>

O livro, dedicado à “sereníssima reyna de los angeles Maria santissima, y señora Nra de las Dolores” se apresentava como uma obra que pretendia organizar o conhecimento médico a fim de auxiliar aqueles que praticavam a cura naquelas terras “distantes”. No prólogo ao leitor podemos perceber vestígios que indicam a concepção que o autor anônimo tinha da arte médica. Acima dos sábios da antigüidade, Deus aparecia como o verdadeiro Criador da Medicina, fato que os “grandes estudiosos gregos e latinos”, também consideraram. Mesmo sendo Deus o principal Autor, o escritor do manuscrito não deixou de valorizar o papel do “sábio”, pois a sabedoria era uma qualidade que diferenciava alguns homens, uma vez que estes conseguiam “descobrir as virtudes escondidas” nos produtos da natureza: metais, pedras, animais e plantas.<sup>29</sup> Era papel do sábio desvendar as virtudes dos produtos “oferecidos” pelo “Grande Arquitecto”, ou pela “Divina Bondade” ao homem, no sentido de manter o seu bem estar na Terra. Há também indícios de que o “sábio” identificava-se com a medicina hipocrática, pois as qualidades que elegera como dignas de observação em cada objeto natural eram: “calor”, “umidade”, “frieza” e “secura”. Esta relação entre o sujeito e o conhecimento que transparece através do jogo de correspondência entre o Criador e os objetos naturais, somada à idéia de que o sábio era um homem dotado de virtude especial que o distinguiu dos demais – justamente por ter acesso aos segredos divinos escondidos nas coisas – aponta para uma perspectiva do conhecimento como revelação,

presente na tradição hermética e mágica ainda vigente nos meios intelectuais europeus do século XVII.

O documento acima mencionado foi catalogado como *Curiosidad un libro de medicina escrito por los jesuítas en las misiones del Paraguay, 1580*. Quem o catalogou parece ter tido a mesma sensação de “curiosidade” diante do conteúdo dos escritos ali contidos: Quem de fato escreveu? Por que escreveu? Qual o sentido de uma obra manuscrita de medicina nas missões do Paraguai?

O estado físico do documento é relativamente bom. Escrito em espanhol, a maior parte é legível, porém faltam as páginas iniciais e finais, o que justifica a ausência do nome do autor. Entretanto, o autor anônimo oferece algumas pistas: declara ter servido durante 30 anos como médico no Colégio de Madri, e, ao longo da obra, refere-se a lugares por onde provavelmente passou: Colégio de Córdoba na Província de Tucumán e Colégio de Assunção. A expressão “en estes países del Paraguay” aparece em várias passagens, assim como a expressão “en estas santas misiones” em que o autor se refere a Paraná, Uruguai, São Borja e São Gabriel e finalmente, no “livro segundo”, o autor reuniu informações “De las yerbas, y raíces medicinales de estas misiones, y Paraguay, con algunas del Brasil, y Provincia de Chile”.

As referências toponímicas das missões que aparecem na obra nos levam imediatamente a rejeitar a data que aparece na classificação do documento: 1580. Neste momento, tais missões não tinham sido criadas pela Companhia de Jesus. Apenas em 1594 foi fundada a residência do Colégio de Assunção, e treze anos depois foi estabelecida a província jesuítica do Paraguai, subordinada à do Peru, de onde partiram os missionários para iniciar o trabalho de conversão dos índios guaranis. Em Buenos Aires a chegada dos inicianos remonta ao ano de 1587, sendo a residência de Córdoba, em Tucuman, erguida em 1599. As reduções do Guairá, Paraná e Uruguai foram fundadas depois de 1615, momento em que os jesuítas assumiram definitivamente a defesa dos índios daquela região.

É oportuno lembrar que o governo do Paraguai tinha jurisdição sobre regiões que hoje fazem parte do Brasil, da Argentina, do Uruguai e da Bolívia. Ao norte, a área era limitada pela capitania de São Vicente, ao sul pelo Rio da Prata, a leste pelo Oceano Atlântico e a oeste pela Província de Tucumán.<sup>30</sup>

Provavelmente o autor anônimo realizou viagens ao interior dessa região e manteve contato com missionários ligados à Província Jesuítica do Brasil. Desde 1553, com a fundação do Colégio dos Meninos de Jesus, em São Vicente, os missionários realizavam expedições pelo litoral e interior com o objetivo de fundar missões reunindo índios guaranis. Do Rio de Janeiro, por exemplo, os padres João de Almeida e Afonso Gago realizaram uma viagem até o litoral de Santa Catarina, de onde investiram na criação de aldeias no interior. Mesmo com o fracasso da investida, reuniram índios e os levaram para São Paulo, criando a aldeia de Barueri.<sup>31</sup>

Diante dessas ligações, não é de se estranhar que os produtos mencionados na obra, não fossem apenas os nativos daquela região da América. O autor anônimo se dedica, inclusive, a especificar o uso da pimenta, do cravo, da noz moscada e da canela, entre outras especiarias, que deveriam ser cultivadas com a finalidade de se extrair delas, as virtudes medicinais. Em várias passagens do manuscrito, o autor deixa clara sua intenção de passar conhecimentos àqueles que futuramente viessem a exercer o ofício de médico nas missões, provavelmente um seu confrade, que deveria se responsabilizar pelo cultivo das espécies medicinais mais úteis.

A cosmopolitização das práticas médicas era acompanhada por um processo de experimentação, cultivo e disseminação de plantas. Os jesuítas, conforme apontou Russel-Wood, realizaram a diáspora de produtos naturais no âmbito do império português, o que também pode ser verificado no interior do continente americano, pois, como foi apontado acima, havia troca de experiências e de informações entre os missionários que viajavam por esta vasta região. O autor anônimo fala inclusive das virtudes do cacau utilizado nas missões do sul e originário da região do Grão-Pará.<sup>32</sup> Além disso, registra o uso do óleo de Copayba nos quatro continentes: “el balsamo de Copayba es oy mui conocido y usado por toda la Europa, Africa y America, u con gran estima e subido precio en el Japon, y China”.<sup>33</sup>

O autor anônimo parece ter conhecido as descrições do maracujá, particularmente aquela consagrada por Frei Vicente do Salvador, pois quando trata em seu texto de “la granadila”, expõe minuciosamente a flor da paixão associada à saga e aos mistérios de Cristo. Ao tratar das qualidades da erva mate, o autor anônimo faz alusão ao mito de São Tomé, que, segundo Sérgio Buarque de Holanda,<sup>34</sup> chegou à América espanhola através

dos missionários jesuítas da Província do Brasil que penetraram o continente americano em busca de almas: “... la yerba (...) bien enbebida en agua tiene por tradicion antigua en estes países del Paraguay, y misiones la enseño Santo Thome a los Indios.”<sup>35</sup>

Além das trocas de informações, havia práticas comuns nas reduções indígenas da América espanhola e da América portuguesa. Em análise sobre as missões do Itatim, Regina Gadelha afirma que “os jesuítas tudo faziam para alimentar a confiança dos índios. Nas aldeias tratavam os enfermos, e se desdobravam em cuidados com as crianças”.<sup>36</sup> O papel de médico desempenhado pelos padres era assinalado também nos textos onde os missionários registravam as suas ações, como por exemplo num “informe sobre a fundação das reduções do Guairá feita a pedido do superior Pe. Joseph Cataldino”, datada de Santa Fé, em 2/11/1614.

... onde se faz grandíssimo fruto, com su doctrina de vida, y costumbres, y bien exemplo que tienen, y enseñam a los naturales de aquellas provincias y en ellas trazen gran servo a dios nro señor y a su magd y a las almas (...) y curandoles sus enfermedades com mucho amor y caridad.<sup>37</sup>

A região era subordinada ao Colégio de Assunção, no Paraguai. O papel da cura era também estratégico nessa parte da América, o que já responde a uma das questões colocadas no início: a importância de uma obra médica nas missões, como coloca o autor anônimo no prólogo ao leitor, era a de auxiliar àqueles que viviam nas missões, isolados, longe das boticas e dos médicos doutos.

A estrutura do texto é muito próxima a de uma obra editada. No formato de um livro, o manuscrito está organizado nas seguintes partes: dedicatória, prólogo ao leitor, advertências ao leitor, descrições das plantas acompanhadas de seus usos, e um índice que traz o nome das espécies descritas em espanhol, tupi e guarani. A preocupação em usar as três línguas parece mais um indício de que o conhecimento sobre os usos terapêuticos das plantas circulava entre os missionários no interior do continente americano.

O livro se apresentava como uma obra que pretendia organizar o conhecimento em “estas tierras tan pobres de medicos y boticas”. Uma hipótese é que o texto tenha sido elaborado justamente com essa finalidade: servir de guia para ser usado em lugares distantes das cidades, como por exem-

plo, os missionários das reduções, pois sabemos que os Colégios, situados nos centros urbanos coloniais, eram dotados de botica. Além disso, o autor anônimo não registrou nenhum medicamento composto, mas se ocupou apenas de registrar os simples, como já dissemos, medicamentos feitos utilizando apenas uma substância.

Acredito que esse manuscrito tenha sido elaborado na segunda metade do século XVII ou no início do seguinte, pois o conteúdo do saber médico e a forma pela qual se classificam as plantas, são peculiares àquele período. Pelas referências que o autor anônimo faz no decorrer do texto, pode-se deduzir que ele, além de jesuíta, (como já dissemos, serviu no Colégio de Madri), era médico e conhecia os escritos de outros médicos de sua época. Entre os médicos citados pelo autor destaco a referência a Guilherme Piso.<sup>38</sup>

O autor anônimo identificava-se com Galeno, a quem considerava “filósofo e príncipe da medicina”. Seguindo seus ensinamentos, entende que “curar consiste en cierta qualidad, cierta cantidad, y cierto modo de aplicacion”. A identificação com o pensamento de Galeno confirma a idéia de que a medicina hipocrática oferecia um suporte para a prática médica nos trópicos. Galeno é herdeiro das tradições filosóficas e médicas da Grécia, em seus textos há referências aos trabalhos de Hipócrates.<sup>39</sup> Tudo isto aponta para a possibilidade do autor anônimo ser alguém ligado à tradição ibérica, um jesuíta, por exemplo, pois nos currículos de medicina em Coimbra e Évora além dos textos de Hipócrates, os de Galeno eram também lidos pelos estudantes.<sup>40</sup>

No trecho do manuscrito cujo título é “advertências ao leitor”, percebemos o esforço do autor em orientar aquele que irá manipular as plantas para preparar os simples. Era imprescindível saber plantar e colher no momento certo; a época correta era indicada de acordo com o temperamento da planta – quente ou fria – caso contrário, o seu consumo pode ser danoso ou sem efeito. O local escolhido para o cultivo das plantas era também relevante, principalmente para protegê-las dos ventos frios e secos e do calor, elementos que poderiam prejudicar suas virtudes; a posição da lua era importante. Um outro indício da concepção médica do autor anônimo é o fato de ele relacionar um determinado produto ao Sol, a Marte ou a Lua, de acordo com seus respectivos temperamentos. Aqui, mais uma

vez pode-se perceber a ligação do autor com uma concepção de mundo corrente no século XVII e que era compartilhada por sábios, entre eles os médicos.

A percepção consubstancial do universo, presente no pensamento aristotélico, fazia com que todos os elementos mantivessem relações entre si. Através das qualidades essenciais dos elementos (quente, frio, seco e úmido) e da morfologia os sábios estabeleciam um complexo jogo de correspondência capaz de reunir todo o Universo: os corpos celestes, os homens, as plantas, os animais, além das substâncias minerais. As doenças também eram entendidas e descritas a partir de suas qualidades, conforme a teoria dos humores. Essa lógica confere uma racionalidade aos procedimentos médicos, garantindo a aplicação correta das substâncias, fazendo com que suas virtudes terapêuticas ajam sobre os corpos enfermos. O autor anônimo chega a citar Plínio, que, acreditava que um corpo atuava sobre outro a partir de uma causa essencial. Por exemplo, “uma semente banhada em azeite, em vinho ou plantada em certos dias da lua vai germinar e crescer incondicionalmente de maneira satisfatória”.<sup>41</sup>

Finalmente, a forma pela qual o autor anônimo descreve as plantas é recorrente entre os séculos XVI e XVII. Em primeiro lugar fornece o seu nome, normalmente em espanhol, guarani e tupi. Depois ressalta os aspectos morfológicos, sempre, que possível, aproximando de alguma espécie europeia. Depois segue apontando suas virtudes terapêuticas, sempre valorizando as qualidades de quente, fria, úmida ou seca; estas podem ser percebidas pelo médico através dos sentidos: o paladar ou o olfato identificando sabores e cheiros que variam entre doce, ácido, insoso ou salgado.

Se podemos perceber a presença de referenciais da cultura erudita europeia orientando as ações e procedimentos dos médicos jesuítas, não são menos presentes no registro do autor anônimo, algumas práticas locais. Percebemos que observar a forma pela qual os indígenas usavam determinadas plantas era um procedimento comum. Vale sublinhar porém, que o esforço dos registros era justamente o de integrar e explicar o efeito de uma terapêutica a partir de referenciais consagrados pela cultura científica europeia.

Como vimos, as idéias de Plínio, Galeno e Hipócrates circularam entre os missionários jesuítas na América portuguesa. Os médicos e farmacêuti-

cos ligados à Companhia de Jesus, responsáveis pela orientação das práticas médicas nos Colégios, seguiram algumas proposições e concepções desses sábios ao elaborarem suas fórmulas e receitas. É oportuno informar que havia, no Colégio do Rio de Janeiro, um exemplar da História Natural de Plínio.<sup>42</sup>

A cura, inserida no contexto das missões, para além da caridade, relacionava-se ao esforço de conversão do gentio, o que reforça nosso argumento de que a cura fazia parte das estratégias jesuíticas para a ocupação do território americano. Outro ponto levantado foi o de que o conhecimento médico era elaborado de forma sistemática e influenciado pela medicina européia de então.

O saber durante a época Barroca estaria articulado à premissa de atingir e controlar os homens, tanto no plano racional quanto emocional, restringindo-lhes as liberdades. Entre os saberes sobre os homens, destacava-se a medicina, que tratava não só de entender e intervir no funcionamento do corpo, mas sobretudo nas paixões e nos impulsos humanos. No conhecimento médico da época, o temperamento do corpo humano relacionava-se ao temperamento da alma. José Antonio Maravall ao definir a cultura barroca como um conceito de época, remetendo para a Europa do século XVII tendo seus desdobramentos na América, afirma que esta é marcada pelo esforço por parte do Estado – entre outras instituições – em afirmar seu poder sobre os homens. Segundo Maravall, o pensamento barroco não é racionalista,

mas aparentado com o pensamento racionalista; serve-se de processos parcialmente racionalizados, das criações técnicas e calculadas que daí derivam, para alcançar o domínio prático da realidade humana e social sobre a qual quer operar.<sup>43</sup>

Nesse sentido, podemos afirmar que entre as estratégias jesuíticas de conversão, o saber médico estaria relacionado às intenções de cooptar o corpo e a alma do gentio, isto é, ao cuidado corporal soma-se o espiritual.<sup>44</sup>

## Bibliografia

AMARO, Ana Maria. *Influência da farmacopéia chinesa no receituário das boticas da Companhia de Jesus. In. Revista de Cultura*. Macau, v. 30, 1997.

ATRAN, Scott. *Cognitive Foundations of Natural History; Toward an Anthropology of Science*. Cambridge: Univesristy Press, 1990.

BARRETO, Luis Filipe. *Caminhos do saber no renascimento português: estudos de história e teoria da cultura*. Porto: Imprensa Nacional Casa de Moeda, 1987.

BICALHO, FRAGOSO & GOUVÊA (Orgs.). *O antigo regime nos trópicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CAMENIETZKY, Carlos Ziller. *A cruz e a luneta. Ciência e religião na europa moderna*. Rio de Janeiro: Access, 2000.

CIPOLLA, Carlo. *Faith, Reason and the Plague in Seventeenth Century Tuscany*. Nova Iorque: W. W. Norton and Company, 1979.

DEAN, Warren. *A botânica e a política imperialista de Portugal. In. Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, pp. 216-228, 1991.

DOMINGUES, Ângela. *Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: A constituição de redes de informação no Império português em finais do setecentos. In. História, ciência, saúde: manguinhos*. Rio de Janeiro, v. VIII (suplemento), pp. 823-838, 2001.

EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

FUNKENSTEIN, Amos. *Theology and the Scientific Imagination: From the Middle Ages to the Seventeenth Century*. Princenton: University Press, 1986.

GADELHA, Regina Maria F. *As missões jesuíticas do itatim: estrutura sócio-econômica do Paraguai colonial – séculos XVI e XVII*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GESTEIRA, Heloisa. *O teatro das coisas naturais: conhecimento e dominação neerlandesa no Brasil*. Tese de Doutorado. Niterói: Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo II (século XVI – A Obra). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

\_\_\_\_\_. *Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil. In. Brotéria*, separata do v. IV, fasc. 4. Lisboa, abril de 1952.

\_\_\_\_\_. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, v. 3.

LENOBLE, Robert. *História da idéia de natureza*. Lisboa: Edições 70, 2002.

MARAVALL, José Antonio. *A cultura do barroco*. São Paulo: EDUSP, 1997.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema*. São Paulo: HUCITEC, 1987.

MONTEIRO, John Manuel. *Os negros da terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

RUSSEL-WOOD. *Um mundo em movimento: os portugueses na África, Ásia e América (1415 – 1808)*. Lisboa: Difel, 1998.

## Notas

<sup>1</sup> CIPOLLA, Carlo. *Faith, Reason and the Plague in Seventeenth Century Tuscany*. Nova Iorque: W. W. Norton and Company, 1979.

<sup>2</sup> LENOBLE, Robert. *História da Idéia de Natureza*. Lisboa: Edições 70, 2002. p. 49.

<sup>3</sup> FUNKENSTEIN, Amos. *Theology and the Scientific Imagination: From the Middle Ages to the Seventeenth Century*. Princeton: Princeton University Press, 1986. CAMENIETZKY, Carlos Ziller. *A cruz e a luneta. Ciência e religião na europa moderna*. Rio de Janeiro: Access, 2000.

<sup>4</sup> BARRETO, Luis Filipe. *Caminhos do saber no renascimento português: estudos de história e teoria da cultura*. Porto: Imprensa Nacional Casa de Moeda, 1987. p. 111.

<sup>5</sup> BARRETO, Luis Filipe, *op. cit.*

<sup>6</sup> Cf. RUSSEL-WOOD. *Um mundo em movimento: os portugueses na África, Ásia e América (1415 – 1808)*. Lisboa: Difel, 1998. Especialmente o capítulo “Difusão de Espécimes da Flora e da Fauna”; DEAN, Warren. A botânica e a política imperialista de Portugal. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, pp. 216 – 228, 1991. DOMINGUES, Ângela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do setecentos. *História, ciência, saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. VIII (suplemento), pp. 823-838, 2001.

<sup>7</sup> MATTOS, Ilmar Rohloff de Mattos. *O tempo Saquarema*. São Paulo: HUCITEC, 1987. Para o conceito de cidade colonial desenvolvido pelo autor conferir especialmente o primeiro capítulo.

<sup>8</sup> Cf. RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

<sup>9</sup> GUERREIRO, Fernão. *Relação anual das coisas que fizeram os padres da Companhia de Jesus nas suas missões do Japão, China, Cataio... e Brasil nos anos de 1600 – 1603*. Évora, 1930, p. 375.

<sup>10</sup> Livro de Tombos das escrituras das cousas que pertencem ao Collégio de São Sebastião da Companhia de Jesus no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 82, 1962, pp. 27-28.

<sup>11</sup> As relações entre a coroa e os agentes coloniais podem ser aprofundadas em BICALHO, FRAGOSO & GOUVÊA, (Orgs.). *O antigo regime nos trópicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

<sup>12</sup> ANCHIETA, José. Quadrimestre de maio a setembro de 1954, de Piratininga. *In: Cartas: informações, fragmentos históricos e sermões*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1988, p. 52.

<sup>13</sup> EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 61.

<sup>14</sup> *Idem*, p. 80.

<sup>15</sup> Os compostos eram medicamentos elaborados a partir de várias substâncias reunidas numa só receita. Estes se diferenciavam dos simples, receitas feitas com uma substância que poderia ser preparada com água, licor, vinho, aguardente ou azeite.

<sup>16</sup> VASCONCELOS, Simão de. *Crônica da Companhia de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1977, 2 volumes, p. 107.

<sup>17</sup> LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo II (século XVI – A Obra). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938. p. 285.

<sup>18</sup> Cf. LEITE, Serafim. Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil. *Brotéria*, separata do v. IV, Lisboa, fasc. 4, abril de 1952. Ver ainda artigo de AMARO, Ana Maria. Influência da farmacopéia chinesa no receituário das boticas da Companhia de Jesus. *Revista de Cultura*. Macau, v. 30, 1997, pp. 53-68.

<sup>19</sup> Carta do P. Manuel da Nóbrega ao P. Francisco Henriques. *In: LEITE, Serafim. Cartas dos primeiros Jesuítas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, v. 3, pp. 350-351.

<sup>20</sup> GESTEIRA, Heloisa. *O Teatro das coisas naturais; conhecimento e dominação neerlandesa no Brasil*. Tese de Doutorado. Niterói: Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, 2001. p. 38.

<sup>21</sup> CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e do clima do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1980. p. 42.

<sup>22</sup> ATRAN, Scot. *Cognitive Foundations of Natural History*. Toward an Anthropology of Science. Cambridge: University Press, 1990.

<sup>23</sup> LENOBLE, Robert, *op. cit.*

<sup>24</sup> Livro de receita e despesa do Engenho de Cerecipe, de 21 de junho de 1622 a 21 de maio de 1633. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Mss II, 33, 14, 39 (cópia), p. 143.

<sup>25</sup> LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo II (século XVI – A Obra). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938. p. 575.

<sup>26</sup> ANCHIETA, José. *Cartas: informações, fragmentos históricos e sermões*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo, EDUSP, 1988. p. 137.

<sup>27</sup> Hipócrates. *Les Airs, les eaux et les lieux*. Traduzido do grego e comentado por Émile Littré, Paris, Arléa. 1995. Trecho retirado da obra de Guilherme Piso, *Indiae Utriusque re naturalis et medica*. Amstelodamis, *apud* Ludovicum et Danielem Elzevirios, 1658. (tradução de Mario Lobo Leal, *Piso, História Natural e Médica da Índia Ocidental*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1957).

<sup>28</sup> Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Sessão de Manuscritos, *Curiosidad un libro de medicina escrito por los jesuítas en las misiones del Paraguay*, 1580. Acredito ser este documento inédito pois até agora não encontrei referência ao mesmo em trabalhos sobre história da medicina e nem tampouco nas obras especializadas na documentação jesuítica tais como os de Sommervogel e Serafim Leite.

<sup>29</sup> Anônimo, *Um livro de medicina escrito...* BNRJ, Mss I-15-02-26.

<sup>30</sup> Não me deterei no processo de ocupação da área nem tampouco nas tensões entre os missionários jesuítas – espanhóis e portugueses –, os colonos de origem espanhola e lusa, a as autoridades locais que disputavam a ocupação da região e o controle sobre a mão de obra indígena. Vale lembrar ainda que o período de ocupação dessa área coincidiu com a época da União Ibérica, 1580/1640. Cf. GADELHA, Regina Maria F. *As missões jesuíticas do Itaitim: estrutura sócio-econômica do Paraguai colonial – séculos XVI e XVII*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980; MONTEIRO, John Manuel. *Os negros da terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

<sup>31</sup> GADELHA, Regina, *op. cit.*

<sup>32</sup> RUSSEL-WOOD. *Um mundo em movimento*. Lisboa: Difel, pp. 235-238.

<sup>33</sup> Anônimo, p. 10.

<sup>34</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

<sup>35</sup> Anônimo, p. 15.

<sup>36</sup> GADELHA, Regina Maria F, *op. cit.*, p. 219.

<sup>37</sup> Jesuítas e bandeirantes no Guairá, 1594/1640. Manuscritos da Coleção de Angelis. Introdução, notas e glossário de Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Anais da Biblioteca Nacional, 1951.

<sup>38</sup> Guilherme Piso: médico neerlandês que acompanhou Maurício de Nassau durante o domínio holandês no Brasil. É autor de *História Natural do Brasil (1648)*, junto com Jorge Marcgrave, e de *História Natural e Médica das Índias Ocidentais (1658)*. A referência aos trabalhos de Piso é mais um dado que aponta para o fato de que o manuscrito que analisamos não data de 1580.

<sup>39</sup> GALENO. *Selected Works*. Oxford: University Press, 1997. Tradução, introdução e notas por P. N. Singer.

<sup>40</sup> ABREU, Eduardo. A Physicatura-mor o Cirurgião mor dos Exércitos no Reino de Portugal e Estado do Brasil. Rio de Janeiro: *RIHGB*, v. 63, 1900, pp. 154-306.

<sup>41</sup> Plínio citado por Robert Lenoble. *História da idéia de natureza*. Lisboa: Edições 70, p. 163.

<sup>42</sup> Auto de inventário e avaliação dos livros achados no Colégio do Rio de Janeiro e Sequestrados em 1775. Rio de Janeiro: *RIHGB*, v. 301, out/dez, 1973, p. 240.

<sup>43</sup> MARAVALL, José Antonio. *A cultura do barroco*. São Paulo: EDUSP, 1997. p. 130.

<sup>44</sup> Este artigo é fruto dos primeiros resultados alcançados durante a pesquisa Medicina Brasiliensi – conhecimento e colonização da América nos séculos XVI e XVII. O trabalho conta com o apoio do CNPq através de uma Bolsa Recém Doutor e está sendo desenvolvido junto ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## Resumo

O artigo privilegiará a análise do manuscrito apócrifo *Curiosidad un libro de medicina escrito por los jesuítas en las misiones del Paraguay, 1580*, recentemente encontrado na Biblioteca Nacional. O objetivo deste trabalho é demonstrar como havia uma relação orgânica entre a produção de conhecimento sobre a natureza e o processo de conquista da América durante os séculos XVI e XVII. A “botânica médica” aparece como um campo de saber privilegiado, pois esse conhecimento era realizado de forma sistematizada e, no caso específico da América portuguesa, controlado sobretudo por agentes sociais interessados na edificação de uma sociedade no Novo Mundo, destacando-se os missionários da Companhia de Jesus. Num primeiro momento elucidaremos o papel da cura no projeto jesuítico de conquista da América. Finalmente, analisaremos as concepções médicas compartilhadas pelos jesuítas. O registro das informações sobre as virtudes das plantas e de algumas partes de animais para uso medicinal foi feito de maneira sistemática, o que levou os jesuítas a acumularem um saber importante para a manutenção da sociedade colonial.

Palavras-chave: natureza; história social da ciência; colonização

## Abstract

This article is about a manuscript recently found in the National Library of Rio de Janeiro, *Curiosidad un libro de medicina escrito por los jesuítas en las misiones del Paraguay, 1580*. The main subject of the paper is to show how the studies and observations of the Nature in the New World were related with the process of conquest of America during the 16th and 17th

century. The studies of medical botany are a good example because this knowledge was made in an organized way and controlled by the Jesuits in the Portuguese colonies in America. This article concerns on the roll played by the healing in the Jesuitical project of conquest, and also the medical theories applied by them.

Key-words: nature; social history of science; colonization